

## **Habilidades e percepção: práticas de “tratar abelhas” no sul do Brasil.**

**Patrícia Postali Cruz<sup>22</sup>**

**Resumo:** Este trabalho aprofunda algumas reflexões a partir de pesquisa que vem sendo realizada com famílias de agricultores ecologistas em Pelotas e região, Rio Grande do Sul, durante a realização de práticas relacionadas à colher, plantar e tratar animais. Em função de a pesquisa abordar diferentes atividades realizadas cotidianamente nas propriedades rurais, este artigo focará em uma prática específica, a qual faz referência ao “tratar as abelhas” – uma cadeia de cuidados para facilitar o desenvolvimento das abelhas. “Tratar abelhas” envolve habilidades e um engajamento perceptivo que denota uma relação rítmica com ventos, chuvas, fases lunares e solares, períodos de dia e noite. A relação entre humanos e abelhas se estabelece por aspectos comunicativos desenvolvidos em diferentes vias. Os ciclos de chuva e sol, por exemplo, indicam ao agricultor a possibilidade de uma boa ou má colheita e também da necessidade, ou não, de o agricultor ter de oferecer alimento às abelhas. Há fases da lua que é mais adequada a extração de mel. Em certas fases as abelhas ficam bastante agitadas e brabas, o que dificulta o trabalho direto com as abelhas, como extração e/ou limpeza das caixas. Nesse sentido, problematizo as noções de percepção e ritmos a fim de compreender a relação e as vias de comunicação entre coletivo de humanos, com seu conjunto técnico, e coletivo de não-humanos - abelhas, chuva, sol, umidade, dia e noite. Assim, o trabalho etnográfico estabelece uma discussão sobre a contínua incorporação de habilidades, constituídas a partir de experiências perceptivas, aos processos de “tratar abelhas”.

**Palavras-chave:** humanos e não-humanos, apicultura, habilidades perceptivas, modos de fazer.

### **Intenções**

Em propriedades rurais com policultura há uma diversidade de coisas e ciclos de vida e morte. Descrever os complexos arranjos que se constroem cotidianamente, ao nascer da lua e pôr do sol, têm se tornado uma tarefa bastante desafiadora. Esse artigo brota a partir de reflexões em campo em meio

---

<sup>22</sup> Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista CAPES.



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

aos tempos de pesquisa de doutoramento. Por se tratar de um processo de pesquisa/reflexão em andamento esta exposição aponta caminhos, percursos e descobertas que germinam a cada experiência de campo. Pretendo nesta comunicação, muito mais do que desenvolver conclusões, levantar questionamentos sobre temas da pesquisa.

Estar em campo em espaços rurais é descobrir um universo de relações e detalhes onde germinar a vida e manter corpos é tarefa diária para aqueles que se dedicam ao entrelaçamento do mundo com não-humanos. A tarefa de descrever técnicas entremeadas com temperaturas, sons, plantas, chuvas, animais e tantos outros agentes parece ser ainda um desafio na descrição etnográfica. Na certeza de que assumir esta provocação não seria tarefa fácil é que busco, neste ensaio, descrever um conjunto de práticas que talvez tenha sido a mais excitante, mas também turbulenta descoberta nestes meses de trabalho de campo.

Milhares de insetos, calor, roupa em toda extensão do corpo, botas e luvas, fumaça, facas, vegetação alta, tempo acelerado, ansiedade, aflição, excitação e turbulência descrevem, em partes, o contexto do que é estar com abelhas. Para trabalhar entre abelhas os apicultores preferem finais de tarde ensolaradas com pouca umidade no ar. Em tardes de primavera e verão estávamos em campo. Os dias eram longos, os tempos de trabalho também.

Com o intuito de abordar pontos importantes das relações entre humano/não-humano na cadeia operatória do “trato com abelhas<sup>23</sup>” e apontar caminhos para continuidade da pesquisa de campo é que a escrita deste trabalho se desenvolve da seguinte forma: a) primeiramente será apresentado ao leitor breve descrição de atividades importantes sobre o trato com abelhas nas propriedades rurais que acompanhei durante a pesquisa de campo; b) nos momentos seguintes do texto buscarei abordar algumas questões que parecem ser fundamentais para pensar o que são abelhas e o que é estar entre abelhas nestes ambientes. Buscarei, então, colocar à discussão possíveis abordagens teóricas que possam embasar os temas de pesquisa tratados nessa comunicação.

---

<sup>23</sup> Fica evidente que subsumi da discussão desta comunicação a prática de extrair o mel. A partir das experiências de campo analiso a cadeia operatória do trabalho com abelhas a partir de dois momentos distintos e interligados: a) “trato com abelhas” e b) extração do mel. Dessa forma, o “trato com abelhas” estaria relacionado com os cuidados para o desenvolvimento e manutenção das abelhas.

### **Afinal, do que se trata “Tratar Abelhas<sup>24</sup>”?**

As práticas relacionadas ao “trato com abelhas” na região Sul do Rio Grande do Sul, região onde desenvolvo minha pesquisa de doutorado, é, em sua maioria, habilidades adquiridas através da experiência com familiares e vizinhos e de um engajamento perceptivo na prática com abelhas. Por se tratar de uma prática que engloba diferentes atividades - desde ações bastante artesanais como o preparo das caixas e caixilhos e a extração da cera à inserções de maquinário como é o caso da centrífuga na extração do mel – tratar abelhas parece incorporar uma relação de aprendizado mútuo entre apicultor e abelhas e, além disso, com características marcadas no tempo e espaço dos ambientes.

A pesquisa de campo a que se refere este artigo compreende o período de setembro de 2016 a abril de 2017. As principais inserções em campo ocorreram nas cidades de Turuçu, Pelotas e Canguçu, situadas no extremo sul do Rio Grande do Sul, Brasil. Apresento, então, dois apicultores que, até o momento do trabalho de campo, são interlocutores chaves na experiência de tratar abelhas.

Onécio, agricultor ecológico e apicultor, conta que aprendeu com um tio as primeiras noções sobre o “tratar abelhas” e depois *foi aprendendo com elas, sempre muito curioso em saber como elas trabalham*. Além de plantar, colher, tratar vacas, porcos, cavalos e galinhas, o agricultor dedica boa parte de seu projeto de trabalho em mais de quarenta caixas espalhadas pela propriedade rural de cerca de 9 hectares. Nos dias de trabalho de campo pude acompanhar o agricultor em algumas práticas, as quais abordarei em seguida e convencionarei chamar neste trabalho de uma cadeia operatória<sup>25</sup> do “tratar abelhas”.

Leopoldo, apicultor e funcionário público, se diz uma pessoa curiosa. Seu pai tinha abelhas e ele *passou a se encantar por elas*. Leopoldo tem mais de 100 caixas espalhadas pela zona rural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Segundo ele as abelhas precisam de um espaço consideravelmente amplo para viver. Como ele mora em uma pequena propriedade rural, Leopoldo arrenda áreas de terra para

---

<sup>24</sup> Esse termo é comumente utilizado entre agricultores e apicultores para se referirem à diferentes práticas de cuidado com os coletivos de abelhas.

<sup>25</sup> Cf. Coupaye (2015).

colocar caixas de abelhas. Em troca, em sua maioria, o proprietário da terra fica com parte do mel colhido. O apicultor é bastante conhecido na região, além de tratar as diversas colmeias que ele possui, ainda presta serviço de diarista fazendo a manutenção de caixas de abelhas e/ou tirando enxames indesejados de vizinhos.

O primeiro contato que tive com os fazeres do “tratar abelhas” foi na casa dos agricultores ecológicos Onécio e Evani. Eu estava acompanhando o plantio do feijão. Como o andamento do plantio foi mais rápido que o planejado pelos agricultores, Onécio passou a desenvolver alguns trabalhos que estavam atrasados. Começou a limpar as caixas de abelhas que estavam guardadas e a construir caixas novas para colocar no campo a fim de chamar novos enxames. Iniciou logo cedo da manhã. Onécio tinha um amontoado de caixas que estavam quebradas e precisavam de reformas. A limpeza e montagem das caixas foram realizadas na volta da casa, próximo ao galpão. Para limpar utilizava um cabo de madeira envolto com um pano de algodão o qual era umedecido num preparado de álcool e própolis. Segundo o agricultor esse preparado tinha duas funcionalidades: a) matava possíveis ovos da traça da cera<sup>26</sup> que podiam permanecer nos cantos da caixa e b) tirar o cheiro da madeira do eucalipto – madeira nova que ele utilizara para fazer a reforma das caixas – o qual, segundo o agricultor, as abelhas não se agradam e acabam não habitando caixas com cheiro dessa madeira. Onécio conta que uma das madeiras que elas mais gostam é a de canela, mas como a extração da madeira não é permitida *a gente tem que fazer com o que tem*.

O processo foi bastante demorado e minucioso. Apareceram poucas abelhas na volta enquanto ele trabalhava com as caixas. Onécio, como demonstra a fotografia 1, não estava utilizando nenhuma roupa específica para realizar este trabalho. Disse que elas dificilmente vinham por causa do cheiro do preparado do própolis. É uma atividade demorada a qual exige bastante paciência na execução e conhecimento de técnicas de trabalho com madeira.

---

<sup>26</sup> Nome científico: *Galleria mellonella*



Figura 1: Processo de limpeza de caixas e sobrecaixas (meleiras) de abelhas. Setembro 2016. Autora: Patrícia Cruz.

Acompanhei também a prática de colocar lâminas de cera nos caixilhos das sobrecaixas e caixas. O trabalho foi realizado distante da casa. Onécio relata que já perdeu animais (cachorros e porcos) que ficam na volta da casa por causa de enxames de abelhas que vinham em razão do cheiro da cera, um cheiro bastante forte. Passamos uma tarde para fazer a atividade em cerca de seis caixas de abelhas. Era época das abelhas enxamear, por isso o agricultor estava fazendo uma espécie de isca para “pegar” enxames novos.

O deslocamento foi feito com um trator. No reboque colocamos as caixas já limpas e o material que precisava para fazer fogo para derreter a cera das abelhas. As lâminas de cera são compradas em uma loja em Canguçu. Já a cera que se derrete para colar a lâmina no caixilho é coletada durante o processo da extração do mel das próprias caixas de abelha que o agricultor tem na propriedade rural. Segundo o agricultor as lâminas são colocadas como forma de *chamar as abelhas por causa do cheiro* e também porque facilita a construção dos favos de mel tanto da caixa quanto da sobrecaixa.

Ao iniciar o processo no meio do campo, distante de outros animais, não havia abelhas na nossa volta. Passado algum tempo, elas começaram a aparecer. Em certo momento elas pareciam estar mais agitadas, eram muitas. Os utensílios foram todos, em sua maioria, reutilizados. O local

onde se fez fogo para derreter a cera era uma lata de pêssego, o “pegador” da cera é uma latinha de cerveja improvisada e uma panela para colocar a cera. O zunido foi aumentado na nossa volta. Diversas abelhas entrando e saindo das caixas que o agricultor já tinha colocado as lâminas de cera. Não estávamos utilizando roupas especiais, estávamos com as mãos à mostra. Elas pousavam direto em nós e Onécio repetia *fiquem calmas, ficam calmas*. A presença delas começou a se tornar mais intensa, mas ele me dizia que não precisa ficar com medo, pois elas não estavam na casa delas e não tinham motivo para me atacar. Era só não bater e/ou correr que não ia acontecer nada. Não lembro de estar com medo. Acredito que estivesse curiosa. Onécio dizia que os familiares não gostavam de fazer aquilo ali. Tinham medo e que não era um trabalho muito agradável. O agricultor, dizia gostar de estar com elas, mas era bastante trabalho a se fazer até conseguir colher o mel.



Figura 2: *Apis Mellifera* – Abelha europeia africanizada. Setembro de 2016. Autora: Patrícia Cruz

*Captura de enxames* é uma atividade realizada em épocas de enxameação das abelhas. Segundo Leopoldo é um fenômeno natural e espontâneo de expansão das colmeias, onde numa colmeia superpopulosa parte das abelhas saem para formar uma nova colmeia em outro local. Além das operárias se desloca uma nova rainha fecundada e zangões. Em função deste fenômeno, Onécio colocou em setembro de 2016 cerca de seis caixas em campo para tentar capturar enxames novos. Colocam-se somente as caixas de abelhas sem as sobrecaixas em locais de campo aberto. As caixas, já com as lâminas de cera, são espalhadas pelo campo e caso algum enxame escolha a caixa elas serão



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

transportadas a noite para um local definitivo. Normalmente local com maior proteção solar e que seja seco.

O verão deste ano havia sido de condições anormais no que se refere ao clima da região, afetando assim o desenvolvimento das abelhas. Foi um verão de intenso calor. A floração de muitas espécies de plantas não ocorreu na época em que é recorrente e, por falta de alimentação disponível, muitos enxames emigraram das caixas que habitavam. O eucalipto, por exemplo, tem sua floração iniciada normalmente entre os meses de novembro e dezembro, no verão de 2016 ele iniciou a floração em meados de janeiro e início de fevereiro. Até fevereiro poucas espécies haviam florescido e tinha pouca água disponível para as abelhas no ambiente. Assim, muitos enxames emigraram em busca de alimentação. Das caixas de abelhas que ficam na propriedade de Onécio, diversos enxames haviam emigrado para outros locais. Em campo, seguidamente eu ouvia que este ciclo anual havia sido um dos piores anos para o desenvolvimento das abelhas.



Figura 3: Caixas de abelha de madeira colocadas em campo como iscas para enxames novos. Setembro de 2016. Autora: Patrícia Cruz.

O local onde ficam as caixas de abelha precisa estar “limpo”, com mato baixo e pouca umidade na volta. Onécio explica que é um serviço que se faz a noite. Segundo ele, abelhas não gostam de cheiro de suor tão pouco de barulho de máquinas, como motosserra até mesmo enxadas e facões. Não se deve chegar pela frente da caixa para limpar ao redor, pois é comum elas ficarem agitadas. Normalmente as abelhas tem um hábito diurno, então se espera que durante a noite elas fiquem menos agitadas que durante o dia. Apesar de todas essas precauções as abelhas podem se agitar e dificultar o trabalho do apicultor.

Este conjunto de práticas que descrevi brevemente se refere a uma manutenção das caixas de abelhas e seu entorno. A ação dos humanos (apicultor) nesta cadeia operatória faz referência a uma busca por boas condições para o desenvolvimento dos coletivos de abelhas. Essas condições dizem respeito ao ambiente do entorno, à limpeza das caixas tanto da madeira quanto dos favos dos caixilhos, a percepção se há necessidade ou não de introdução de alimentação artificial, entre outras práticas.

### **Caminhos pela percepção**

Ao estar entre abelhas fica evidente que a percepção multissensorial desempenha papel importante no desenvolvimento das práticas. Mesmo as buscas pelo não-sentido, como é o caso do tato, são elementos essenciais na comunicação com as abelhas. Se estar com abelhas pode vir a ser uma relação perigosa, a via do perigo se encontra justamente pelo contato com a pele. Assim, as ações dos apicultores é não permitir o contato direto da abelha com a pele. A utilização de macacões, luvas e botas de cano alto são alguns materiais que dificultam o encontro das abelhas com o corpo dos humanos.

No dia em que fomos colocar as meleiras sobre as caixas de abelhas foi a primeira vez que eu senti elas sobre mim. A primeira caixa de abelhas que abrimos estava tranquila. O enxame era pequeno, mas parecia saudável, tinha bastante mel na caixa. Abrimos, colocamos fumaça e colocamos a meleira nas caixas. Elas estavam bem tranquilas. A segunda caixa era mais populosa, tinha muitas abelhas na parte de fora, na entrada da caixa. O enxame estava bastante agressivo e como a fumaça estava bastante fraca elas tentaram nos atacar. Seguimos o trabalho e pela terceira caixa tive que sair do local. Tinha milhares na minha volta, sobre a minha roupa que sai andando pelo campo, cerca de

1 km, e elas não me abandonaram. Lembro-me de não sentir medo, mas um incômodo grande de ter tanta abelha pousada em mim. Elas tentavam entrar pelas frestas das roupas entre a manga e a luva e na calça com a bota. Apesar de não se ter o contato diretamente com as abelhas, se tem a sensação de estarem pousada sobre a roupa. Isso só ocorre quando é um grupo grande de abelhas.

Se não é possível sentir a presença da abelha diretamente no corpo é possível ouvir o zunido constante e intenso que é gerado pela presença do apicultor no local. A intensidade do som deixa explícito os movimentos dos coletivos de abelhas. Quando mais agitadas em função da presença de humanos na volta das caixas o som é mais intenso. Se em algum momento se sente medo, o som talvez seja o agente mais incisivo neste momento turbulento. É pelo som também que o apicultor já percebe se elas estão a maioria próximas da caixa ou em campo. O dia em que elas estavam agitadas, Leopoldo parou uns 50 metros das caixas e fez sinal para se ouvir o som. Ele disse que elas estavam “em casa”, o som era alto e intenso.

Este conjunto de percepções e conhecimento sobre o desenvolvimento e comportamento das abelhas que possibilita ao apicultor dirigir a atenção para épocas do ano em que práticas são mais fortuitas de serem realizadas do que outras. Os períodos de dia e noite é um fator essencial na organização das abelhas. Ao raiar do sol parte das abelhas intensificam o trabalho em campo em busca do pólen e água. Quanto mais calor, mais intenso é o trabalho delas. Próximo da tardinha as abelhas começam a ficar mais calmas e normalmente é o horário do dia que o apicultor realiza alguma prática em torno das caixas de abelhas.

Leopoldo, em certa saída de campo, me contou que a lua nova era uma época mais complicada de realizar atividades próximo às abelhas. No dia em que acompanhei uma melada com ele, Leopoldo me disse que as abelhas estavam muito tranquilas, pediu para reparar que era lua cheia. Outro dia, quando acompanhei a limpeza na volta das caixas era lua nova, certo momento tivemos que abandonar o trabalho pois realmente estavam bastante agressivas. Nesse sentido, tratar abelhas requer um investimento de atenção a fim de formular ocasiões de previsão. Segundo o apicultor os primeiros anos de trabalho ele não entendia os motivos que em certas ocasiões era tão complicado trabalhar com elas, de estarem tão agressivas a ponto de ter que abandonar o trabalho. Com o tempo ele resolveu prestar atenção em elementos ambientais, se excesso ou escassez de chuva interferia, se as luas interferiam. Ele narra que como uma espécie de experimento e repetição percebeu que as diferentes fases da lua era um fator importante na mudança de comportamento das abelhas.

Além disso, a abrangência dos espaços explorados pelas abelhas amplia as fronteiras das propriedades rurais. Diferentemente do cuidado com outros animais como as vacas, por exemplo, onde o pasto é plantado e dimensionado pelos agricultores, as abelhas procuram alimentação normalmente fora dos limites das propriedades. Segundo Leopoldo elas tem um raio de abrangência amplo, voam em busca de alimento em um diâmetro de 3km de abrangência.

Leopoldo conta que sai a caminhar em propriedades vizinhas para saber a quantidade de caixas que tem na volta e as florações que tem disponível para as abelhas. Diz ser necessário fazer este levantamento em função de que o complemento artificial por via de pastas e/ou alimentos líquidos é realizado somente quando falta alimento natural, em campo. Isso muda o gosto do mel, segundo ele, é preferível então uma alimentação natural. Plantas como eucalipto, maricá<sup>27</sup> e forrageiras são a principal fonte de alimento na região. Leopoldo conta que antigamente tinha bastante alimento no entorno. Entretanto, com a saída de uma empresa multinacional que plantava eucalipto em uma área próxima das caixas, a disponibilidade de alimento caiu bastante e a produção de mel também decresceu. Ele me relatou, com precisão, quantos apicultores tem na volta e sabia dimensionar se a disponibilidade de alimento que ele havia observado era suficiente para aquela quantia de abelhas ou não.

Assim, é aparente o fato de que essa atividade não se trata de um controle sobre os organismos. Num emaranhado de agências entre aparatos técnicos, organismos vivos e ambientes ativos cuidar de abelhas requer um profundo e pessoal envolvimento com os *affordances* desta forma de habitar. Como aponta Ingold (2015, p. 21) “o tipo de atenção exigida por essa prática se submete às coisas, e está presente no seu aparecimento”. Ao estar presente, se observa, se aprende, se educa a atenção para as relações entre os diversos agentes presentes nos ambientes.

### **Abelhas e humanos: o que isso tem a ver com Antropologia?**

Ao longo da história humana descrever coletivos de insetos gerou diferentes metáforas sociais, morais e até de organização política dos seres humanos. Como aponta Kosek (2010, p. 653, tradução minha) “se os animais são os Outros humanos, os insetos são os outros animais, intimamente

---

<sup>27</sup> Nome científico: *Mimosa bimucronata*.



## **VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

envolvidos em nossas vidas, mas muito difamados. Insetos são poderosas fontes para a produção da natureza humana.”

Nas descrições da entomologia, e até mesmo dos apicultores, as abelhas se organizam de forma altamente especializada e hierarquizada. A rainha é literalmente quem coloca a vida no enxame. Como uma boa aristocrata ela tem seus privilégios. É cuidada e alimentada com geleia real, alimento específico para ela e suas crias. As operárias exercem o papel de manter a caixa protegida de possíveis invasores e coletar pólen e água para a produção do mel e estocagem de alimento para as épocas do ano mais frias. As abelhas, femininas, são insetos sedentários e bastante específicas com suas moradas. Reconhecem sua casa pelo cheiro que cada colmeia possui. Uma abelha não pode entrar na caixa da vizinha, ela representa uma ameaça para a colmeia e pode ser morta por tentar invadir. O zangão, masculino, é nômade. Ele tem entrada livre nas caixas das abelhas e é importante para manter as posturas da cria da rainha.

As metáforas utilizadas para descrever a organização das abelhas são descritas pelos apicultores. Em muitos casos, as abelhas são frequentemente investidas de inteligência e possuem uma característica crucial aos olhos do homem do campo: elas são animais que trabalham bastante. Levantam ao primeiro raiar do sol e voltam à tardinha para as suas casas. O entendimento do que é uma abelha é abordada a partir uma aproximação com o universo humano.

A relação entre humanos e animais sempre foi um tema caro para disciplina antropológica. O universo da natureza e da cultura, colocados a partir de uma série de dualidades opostos, iluminou análises de diferentes sociedades. Certas categorias como selvagem/doméstico, brabo/manso, nós/eles, entre outras, são pensadas muitas vezes como uma divisão a priori do mundo em natureza e cultura. Entretanto, como aponta Leach (1983) há inconsistências nas divisões binárias, as classificações que dão nome às coisas é muito mais um problema de linguagem do que de natureza. Segundo Strathern (2014, p.27) “o que se deve extrair disso é bastante simples: não há nada que se assemelhe a natureza ou cultura. Ambos são conceitos extremamente relativos cujo significado último deve ser derivado de seu lugar no interior de uma metafísica específica”.

A estrutura e natureza e textura da humanidade é tal que pode ser inscrita com qualquer tipo de mensagem cultural que você quiser; a distinção crucial entre o humano e o animal é simplesmente que o primeiro é passível de inscrição e o último não é. Esta visão do organismo humano (ou, mais especificamente,

do cérebro) como *tábula rasa*, por mais implausível que seja, serviu desde então para apoiar as asserções mais relativistas da antropologia cultural. Ela implica que os estudantes da cultura não precisam se preocupar com a psicologia da natureza humana mais do que, digamos, os jornalistas com a tecnologia de fabricação do papel. (INGOLD, 2010, p. 8).

Gostaria de propor enquanto caminhos para pensar o que é ser e estar com abelhas enquanto formas de *habitar*. O qual colocaria o *Outro*, nesse caso o animal, muito mais a partir de feixes de relações do que de sistemas de classificação definidos *a priori*. Dessa forma, as formas e capacidades dos organismos, humanos e não humanos, brotam a partir de processos de desenvolvimento a partir dos cuidados de criar e cultivar os crescimentos dos seres.

Uma questão bastante intrigante diz respeito ao local que as abelhas se situam nas propriedades rurais. Normalmente as abelhas estão bastante distantes das casas. Abelhas no verão ficam bastante agitadas e podem atacar animais e pessoas apenas por passarem próximo aos apiários. Ao mesmo tempo em que elas tem essa proximidade com o perigoso, com o não controlado, elas estão presentes nos projetos de cuidar e cultivar organismos da propriedade.

Neste sentido, Ingold (2000) propõe algumas possibilidades teóricas a fim de ultrapassar as noções de domesticado e selvagem a partir de fundamentos de dualismos metafísicos, a qual estariam intimamente ligadas a um discurso Ocidental de divisão das coisas. Segundo o autor, a noção de apropriação assim como de intervenção coloca a humanidade num pedestal sobre o mundo natural das coisas, no sentido de que enfatiza um ato social sobre a natureza. Neste sentido, há uma generalização extremamente simplificada das relações possíveis entre humanos (sujeitos, agentes) e não humanos (objetos, passivos), apontando o animal enquanto uma propriedade.

Leach (1983) aponta uma classificação dos animais em função da amizade e da hostilidade que se estabelece com os animais. Ingold (2000) faz um breve paralelo das diferenças entre caçadores e pastores. Se por um lado temos uma relação baseada na confiança, em uma peculiar combinação entre autonomia e dependência, por outro lado o destino dos animais tem sido “entregue” para os humanos, ele é ao mesmo tempo protetor, guardião e executor.

Assim, as classificações de selvagem e doméstico parecem ser inconsistentes para descrever o que seriam abelhas nos universos das propriedades rurais. Situados entre o selvagem (desconhecido)



## VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

e o doméstico (controlado), as abelhas são híbridos que embaralham as classificações dualistas que a antropologia clássica convencionou descrever. Abelhas parecem combinar um misto de autonomia e dependência, hostilidade e amizade, previsão e descontrolado.

Por um lado, os humanos possibilitam facilidades nas condições de desenvolvimento das abelhas - como as caixas, por exemplo, que sendo mais fechadas evitam a entrada de invasores como formigas, o que poderia, na visão clássica da antropologia, denotar um controle sobre elas. Por outro, há total autonomia das abelhas entre permanência e abandono das caixas, como Leopoldo afirmou em certa saída de campo, o apicultor tem *o dever de tratar todas como rainhas, afinal elas merecem ser tratadas como rainhas, senão elas podem ir embora e ninguém quer isso*.

Além disso, o que são abelhas parece estar relacionado com um engajamento entre os seres. Na mesma propriedade pessoas entendem as abelhas como um animal que não pode chegar perto, algo que tende a se temer. Outras pessoas compreendem como um animal curioso que desperta a atenção para suas formas de comportamento e desenvolvimento. Gibson (1986), ao desenvolver a proposta sobre *affordance*, aponta que seres vivo e ambiente cultivam um (eco)sistema totalmente integrado e recíproco. Os *affordances* seriam como oportunidades disponibilizadas aos seres vivos, eles podem utilizar ou não. Assim, percebo as descrições de *curiosidade* que os apicultores têm com as abelhas enquanto uma abertura à engajamentos diversos neste ciclo de espaço-tempo. Nessa relação ambos são limitantes e complementares.

Nesse sentido, compreendo que apicultores não se relacionam com abelhas enquanto espécie e/ou animais sujeitos a ações do homem. Abelha aparece aqui muito mais enquanto uma força, uma potência na qual o agricultor/apicultor participa na relação com o ambiente. Entendo então, que é nesse engajamento prático, descrito enquanto uma *curiosidade*, que os apicultores desenvolvem habilidades de como “tratar abelhas” em ambientes específicos.

### Bibliografia

COUPAYE, Ludovic. Chaine operatoire, transects et theories: quelques reflexions et suggestions sur le parcours d'une methode classique. In: **André Leroi-Gourhan “l'homme, tout simplement”**, Soulier Ph ed., 2015.



**VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**  
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

DEVOS, Rafael Victorino; VEDANA, Viviane; BARBOSA, Gabriel Coutinho. Paisagens como panoramas e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da tainha. **Gis – gesto, imagem e som**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 41 - 58, junho. 2016.

GIBSON, James. 1986. **The ecological approach to visual perception**. Nova York: Psychology Press.

HARAWAY, Donna Jeanne. **When species meet**. 2008.

INGOLD, Tim. **Perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, Tim. 2010. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. **Educação**, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Tim. O Dédalo e o Labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200002>> Acessado em: 14 de abril de 2017.

KOSECK, Jake. Ecologies of empire: on the new uses of the honeybee. **CULTURAL ANTHROPOLOGY**, Vol. 25, Issue 4, pp. 650–678. ISSN 0886-7356, online ISSN 1548-1360. 2010.

LEACH, Edmund Ronald. **Antropologia**. Organizador [da coletânea] Roberto Da Malta (tradução Alba Zaluar Guimarães et. al.). São Paulo: Ática, 1983.

STRATHERN, Ann Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.